

## LINGUAGEM, INTERSUBJETIVIDADE E MOVIMENTO HUMANO<sup>1</sup>

Lízia Costa Gonçalves de Araújo<sup>2</sup>

corpo não apenas se consagra a um mundo do qual traz em si um esquema: ele o possui à distância mais do que é possuído por ele. Com mais razão ainda o gesto da expressão, que se encarrega de desenhar e de fazer aparecer no exterior o que ele visa, efetua uma verdadeira recuperação do mundo e o refaz para conhecê-lo. (MERLEAU-PONTY, 2002, P.106).

### Resumo      Abstract

Este estudo aborda o tema do Movimento Humano, num contexto interdisciplinar, com base na ontologia

This study deals with the theme of the Human Movement, in a interdisciplinary context, base don the

<sup>1</sup> Resumo expandido da dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Educação Física da UFSC, em fevereiro/2005, sob orientação do Prof. Dr. Elenor Kunz (ARAÚJO, 2005)

<sup>2</sup> Mestre em Educação Física/Teoria e Prática Pedagógica da UFSC, doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação Física/UFSC

da Linguagem em Merleau-Ponty e na teoria do agir comunicativo em Habermas. A Linguagem é tema central no processo educacional. Está intimamente ligada ao Movimento Humano, pois este cria um dinamismo, através da própria percepção que lhe é inherente, abrindo-nos para novas possibilidades de "ser no mundo".

Palavras-chaves: Linguagem, Movimento, Educação.

ontology of the language in Merleau-Ponty and the theory of communicative act in Habermas. The language is the central theme in the educational process. It is intimately linked to the Human Movement, therefore this creates a dynamism, through the proper perception which is inherent, making way for us to new possibilities of " being in the world".

Keywords: Language, Movement, Education

## Introdução

Iniciei este estudo a partir de minhas vivências como professora de educação física e fonoaudióloga, partindo das relações criadas com meus colegas, professores, pacientes e outras pessoas que pude dialogar ao longo do tempo. Neste sentido, demos continuidade a este movimento de pesquisa começando com leituras de livros, artigos, e documentos que me possibilitassem uma reflexão profunda acerca do movimento espontâneo, da fala, e do comportamento dos sujeitos. A questão fundamental é: como compreender o movimento humano numa perspectiva pedagógica, enfocando a linguagem como ponto fundamental? A intenção é pensar o Movimento Humano numa perspectiva fenomenológica, que possibilite a criação

e recriação de caminhos que nos levem ao conhecimento, num movimento contínuo de abertura para o mundo.

O objetivo deste trabalho é criar subsídios teóricos sobre as questões relacionadas à intersubjetividade na temática do movimento humano, num contexto interdisciplinar, a fim de criar novas possibilidades de caminhos didático-pedagógicos para a prática da Educação Física.

Esta é uma pesquisa teórica, que segundo Demo (1991, p. 30),

assume o papel de incentivo à pesquisa, na condição de propedêutica, ou seja, como instrumento fundamental para construir a capacidade de construir conhecimento. Sendo conhecimento construtivo fator instrumental das inovações na sociedade e na economia,

a questão da ciência, da pesquisa e do conhecimento adquirem relevância particular na formação dos alunos e passa a figurar entre os desafios essenciais do sistema educacional como um todo.

Desta forma, a pesquisa teórica, embasa, cria condições, abre possibilidades e caminhos, não só para novas produções teóricas, mas também subsidia e aperfeiçoa as intervenções.

A pesquisa teórica ocupa um lugar importante, como constituidora de competências e formação básica de novos conhecimentos. Através do diálogo, da interlocução busca desenvolver uma visão crítica ampliando a capacidade de argumentação diversificada. Como ressalta Pedro Demo (1991, p. 36),

a argumentação não se esgota na teoria, é claro, pois podemos encontrar também boas razões práticas. Entretanto, a arte de encontrar e formular boas razões para o que queremos dizer, negar, empreender, superar, encontra no campo teórico o lugar preferencial para se alcançar, aperfeiçoar, questionar e propor alternativas.

Desta forma, estando aqui nestas palavras pondo-me o desafio de "falar" sobre o tema da linguagem, como não poderia falar do

eixo central da metodologia desse trabalho que está relacionado com a maneira com que desenhei os traços e combinei as significações, as fazendo e refazendo num movimento contínuo de esperança, de busca de ser mais. Lapsos de linguagem que carregam um fundo, uma linguagem secreta, aquela que se deixa ver pelo nosso próprio estilo. Esse estilo que se fez nessas linhas é o ponto central da metodologia deste trabalho.

## Linguagem e Educação

Os estudos sobre o Movimento Humano, atualmente vêm priorizando o enfoque psicológico e antropológico, através da psicomotricidade e da biomecânica, secundarizando a dimensão ontológica. Desta forma, este estudo busca envolver esta última num amplo debate, no sentido de aprofundar questões teórico-metodológicas de grande relevância para a área da Educação Física e Esportes.

A educação, atualmente, é tema relevante em todos os tipos de sociedade. É um processo fundamentalmente comunicativo. Afinal, é através da linguagem que os sujeitos estabelecem seus acordos e entendimentos sobre algo no mundo. Nesse sentido, o fio condutor desse estudo é a Filosofia da Lingua-

gem, pois a educação tem seu ser na linguagem, abrindo, através da intersubjetividade novas possibilidades de "sermos no mundo". "Então, educar, autenticamente educar e ser educado é dizer. Inversamente dizer é educar. Não existe nenhuma forma de educar fora do dizer." (BERTICELLI, 2004, p. 128).

A teoria do agir comunicativo aponta a intersubjetividade como aspecto essencial para o processo de educação em seu sentido geral. A intersubjetividade é condição básica, para a abertura de novas possibilidades de aprendizagens, que só se revelam, a partir do diálogo com o outro, nos transformando num continuum "outro eu mesmo".

(...) Eu e o outro somos como dois círculos quase concêntricos, e que se distinguem apenas por uma leve e misteriosa diferença. Esse parentesco é talvez o que nos permitirá compreender a relação com o outro, que, de outra forma, é inconcebível se procuro abordar o outro de frente e por seu lado escarpado (MERLEAU-PONTY, 2002, p. 168).

É esta leve e misteriosa diferença que nos permite encontrar no outro a nós mesmos possibilitando as resignificações e aprendizagens. Assim nos transformamos a partir do que transformamos no outro. Uma relação de não coinci-

dência, que eu só apanho de maneira oblíqua, pela reflexão. E isto só é possível, porque eu e o outro temos a mesma carne, somos feitos do mesmo tecido do mundo. A expressividade não é um atributo de um ou de outro, ela está nas relações e estabelece um entrelaçamento entre nós, não está harmonizada de antemão, faz parte da constituição temporal da nossa subjetividade. Desta forma quando falamos com alguém, o que nos encoraja, o que nos impulsiona para tal aventura é o sentimento que temos do possível êxito de entendimento. Entretanto não há garantia alguma para tal sentimento, e ainda assim nos lançamos para a comunicação. Podemos comparar este processo com o que acontece com a nossa visão. Aquilo que não vemos, é o que justamente nos faz ver. Como o quiasma óptico,

a retina é cega no ponto onde se irradiam as fibras que permitirão a visão. Aquilo que ela não vê, é aquilo que faz com que ela veja, adesão ao ser, sua corporeidade, são os existenciais e pelos quais o mundo se torna visível, é a carne onde nasce o objeto (MERLEAU-PONTY, 2000, p. 224).

É a partir desta condição de reversibilidade do ser que se torna possível o entendimento entre os sujeitos no mundo, permitindo a

realização do processo comunicativo, capaz de nos conduzir as significações e aprendizagens, através da intersubjetividade. Nos vemos através do outro, num processo contínuo de troca. Portanto a linguagem no processo educativo é ponto central, é o que permite as significações.

A efetividade do educar só aparece na linguagem como um lugar: no pensamento-linguagem que é sua acessibilidade. Não é fácil, até porque não se tem o hábito, desprender-se do reducionismo epistêmico concretizado no esquematismo do sujeito-objeto. É condição essencial, porém, fazer esta renúncia para poder entender a relação entre linguagem e ser da educação, que não é outra coisa senão o manifestar-se, o aparecer do próprio ser dos humanos, como um modo de ser apenas, que aparece na educação. (BERTICELLI, 2004, p. 84).

Somos um ponto de vista diante do mundo, uma possibilidade diante de tantas outras, vamos nos transformando, nos representando de maneiras diferentes, mas o ser permanece enquanto essência. Somos uma maneira singular, segundo a qual o mundo se mostra. Temos o mundo inteiro em nós, esta ambigüidade nos abre para inúmeras possibilidades.

## A educação física em movimento

O tema do corpo ou corporeidade, como bem ressalta Kunz (1991) vem ampliando seu espaço nos fóruns de debates, não só da Educação Física como também em diversas disciplinas das áreas humanas e da saúde. Alguns estudos apontam para uma mudança no conceito de corpo como os de Marcel, Merleau-Ponty e Levinas (apud KUNZ, 1991) que trouxeram profundas contribuições para esta mudança. Entretanto, na Educação Física o tema ainda está fortemente relacionado à visão empírico-analítica. “Talvez por isto, note-se na prática uma quase “supervalorização” do corpo, como advento da era das “academias” (KUNZ, 1991)”. Nesse sentido, o corpo é uma vitrine, onde através de exercícios físicos específicos se produzem formas padronizadas e valorizadas na sociedade. O ser se reduz ao pólo negativo, o corpo objetivo. Entretanto para que possamos ter liberdade para criar, ou aprender, é preciso que haja um trânsito entre os dois pólos que somos o da essência e o do objeto. É nessa transição que podemos nos relacionar com o mundo. Nesse sentido o corpo objetivo é a maneira que temos para nos determinar enquanto sujeitos, é como nos reco-

nhecemos no mundo. Não como um "algo em si", mas como sujeitos em permanente mutação. Daí se segue a necessidade de uma educação voltada para a comunicação e expressão, que busque uma atualização constante dos sujeitos no mundo. Não podemos mais continuar "educando" corpos em si, objetos. Pois assim, estamos educando o "nada". Este era o significado dos objetos como um "em si" para Husserl (2001), pois eles só passam a existir investidos de significações, de sentidos, construídos nos contextos de diálogo. Portanto somente através das relações somos capazes de nos tornar sujeitos criativos. Através do movimento nos envolvemos no mundo, retomamos de maneira original as significações já feitas, num movimento que abre a possibilidade de nos diferenciarmos uns dos outros, nos tornando singulares.

Estamos num momento histórico, em que somos estimulados a importar idéias e padrões de comportamentos pré-estabelecidos, onde a educação cada vez mais obedece a esta mesma "lei" que fortalece tais padrões, e paulatinamente vai levando os sujeitos a perderem seu poder de reflexão, dando lugar a uma profunda alienação. Presos num jogo de coerção, que é feito pela mídia e por tantos outros multiplicadores, onde podemos incluir muitos de nós, professores,

vamos nos desumanizando, abrindo mão de nossas singularidades para nos transformarmos numa grande massa de manobra, instrumentalizando o interesse de alguns.

Paulo Freire, (1987) em seu livro *Pedagogia do Oprimido*, aponta como o movimento de libertação está intimamente relacionado com o movimento de humanização, enfatizando a ação e a reflexão sobre a experiência como ponto fundamental para as transformações.

Entretanto, o que acontece dentro da escola, na maioria das vezes, é a fiel repetição de um modelo social autoritário que nos rouba, muitas vezes, a possibilidade do autoconhecimento, da reflexão e da transformação. O que podemos observar atualmente é um profundo desrespeito nas relações entre os alunos e professores, e até mesmo dentro dos próprios grupos.

Cada vez mais vamos nos desumanizando, perdendo as nossas capacidades de troca, de diálogo, nos afastando uns dos outros, em meio a uma atmosfera de competição e de falta de colaboração. Vamos transformando os nossos contextos em ambientes artificiais, onde não nos reconhecemos, e assim prosseguimos sem podermos refletir sobre nossas vivências, enfim empobrecidos de vida.

A idéia de que uma aula de Educação Física deve ser pautada

com base em exercícios mecânicos, estéreis e repetitivos, não contribui para o avanço educacional a que nos propomos, pois deixa de lado uma dimensão do próprio movimento que permite aos alunos refletirem sobre suas vivências e as resignificarem, a saber: a dimensão dialógica do movimento<sup>3</sup>. Sendo assim, é importante que haja uma mudança de paradigma com relação à idéia de movimento humano, saindo de uma perspectiva funcional e biomecânica em direção ao “se movimentar” humano (KUNZ, 1991). Desta forma, estaríamos contribuindo para que não só os alunos dêem um sentido ao que estão fazendo, mas também para que os próprios professores caminhem em direção a uma proposta educacional que tenha como alicerce o movimento humano significativo ligado a uma perspectiva importante, humanística e criadora de possibilidades de aprendizagens.

O valor expressivo da linguagem não está apenas no puro ato mecânico do movimento, mas sim como operação expressiva, capaz de criar um saber intersubjetivo. Desta forma, é importante destacar o movimento como criador de relações e de significações, pela

originalidade dos seus próprios arranjos, pelo ritmo que imprime, abrindo um campo de possibilidades, num eterno recomeço.

Nesta perspectiva é importante destacar o valor expressivo do movimento como criador de relações, como diz (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 262):

O gesto fonético realiza, para o sujeito falante e para aqueles que o escutam, uma certa estrutura de experiência, uma certa modulação de experiência, exatamente como um comportamento do meu corpo investe os objetos que me circundam, para mim e para o outro, de uma certa significação. O sentido do gesto não está contido no gesto enquanto fenômeno físico ou fisiológico. O sentido da palavra não está contido enquanto som. Mas é a definição do corpo humano apropriar-se, em uma série indefinida de atos contínuos, de núcleos significativos que ultrapassem seus poderes naturais.

## Considerações finais

O tema da Linguagem e Movimento, na maioria das vezes,

<sup>3</sup> A concepção dialógica do movimento apresentada por Gordijn (apud VAZ, 2003) é uma abordagem diferenciada do movimento enquanto um diálogo sujeito-mundo. Este conceito foi desenvolvido por Kunz (1991) no “se-movimentar” humano enfocando o sujeito do movimento e não o movimento do sujeito como freqüentemente é compreendido na abordagem biomecânica do movimento humano.

é enfocado numa perspectiva absoluta e unilateral, sem considerar o seu sentido de relação e comunicação. Desta forma, inevitavelmente este caminho aponta para uma fragmentação cada vez maior do sujeito, suspendendo a experiência em lugar de um pensamento relativo aquela experiência, ou seja, sem levar em conta a expressão, a fala que atualiza que retoma e inaugura uma nova significação, deixando os sujeitos presos e reduzidos ao corpo objetivo, dificultando cada vez mais a comunicação com o mundo.

Como disse Malraux, “ouço-me com a minha garganta. E nisto, disse ele também, sou incomparável, minha voz está ligada à massa de minha vida como nenhuma outra voz” (apud MERLEAU-PONTY, 2002, p. 83). Desta forma, é preciso repensar, refletir sobre novas formas de agir, no sentido de valorizar a retomada das vivências como ponto fundamental para a aprendizagem.

Merleau-Ponty (1999, p. 9) aponta a insubstituição das nossas experiências perceptíveis, quando diz: “O verdadeiro cogito não define a existência do sujeito pelo pensamento de existir que ele tem, não converte a certeza de mundo em certeza de pensamento de mundo e, enfim não substitui o próprio mundo pela significação mundo”.

Neste sentido, a Educação Física muito tem a contribuir, por-

que faz parte de um contexto onde a experiência é fundamental. O movimento é o seu maior fundamento. Entretanto, as possibilidades que apresenta, ainda não respondem como fazer uma abordagem educacional coerente com aquela intenção de não-fragmentação, de unidade. Ainda continuamos remetidos à padrões pré-estabelecidos, embotando a espontaneidade e dificultando a própria expressão. É preciso que valorizemos o movimento autêntico, singular, significativo, inserindo-o num contexto de expressão, para que a partir dele e com ele possamos desenvolver a nossa linguagem no sentido de criação, de troca, de diálogo, numa dimensão comunicativa.

Através da própria Educação Física, mas especificamente pelo “se-movimentar” humano (KUNZ, 1991), podemos encontrar algumas respostas para esta grande lacuna que existe no processo educacional. Trata-se apenas de resgatar com seriedade o mundo da percepção não como um coadjuvante, não como algo pré-moldado, mas sim como um campo de possibilidade de experiências das quais não podemos abrir mão para formarmos nossas significações e nossos conhecimentos. Assim como a linguagem, o movimento faz parte de um sentido de expressão, de relação, de diálogo com o mundo. É neste contexto que nos abrimos para as possibili-

dades de mudanças, podendo fazer nossas próprias escolhas, nos tornando legítimos.

Maturana (2002, p. 125) destaca a importância da legitimidade nas relações sociais, disse ele: "Sem aceitação e respeito pelo outro como legítimo outro na convivência não há fenômeno social". Assim, esta relação social é sempre através do corpo fenomenal, onde o outro dá sentido aquilo que se exprime, e a expressão, ao acontecer carrega seu fundo, seu mundo pré-objetivo, de onde jamais se descola.

Merleau-Ponty (1999, p. 160) enfoca o movimento como um sentido de unidade que se traduz pelo corpo expressivo, disse ele:

O movimento abstrato cava no interior do mundo pleno no qual se desenrola o movimento concreto, uma zona de reflexão e de subjetividade, ele sobrepõe ao espaço físico um espaço virtual ou humano. O movimento concreto é, portanto centrípeto, enquanto o abstrato é centrífugo; o primeiro ocorre no ser ou no atual, o segundo no possível ou no não ser; o primeiro adere a um fundo dado, o segundo desdobra ele mesmo seu fundo.

O corpo é a abertura que eu tenho para o mundo, e através dele que me dirijo às coisas do mundo. O corpo não se coloca à distância como se houvesse entre ele e as

coisas uma medida de extensão. O que há é uma profundidade. Esta abertura para o mundo não se dá apenas porque tenho um corpo no sentido objetivo, mas também porque posso me movimentar. Este aspecto é determinante, pois nesta mudança de paradigma é que reside a possibilidade de transformarmos a visão estática de mundo excessivamente objetiva, numa outra, dinâmica e mais subjetiva.

## Referências

- ARAGÃO, Lúcia Maria de Carvalho. Razão comunicativa e teoria social crítica em Jürgen Habermas. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1992.
- ARAÚJO, Lívia Costa Gonçalves de. Linguagem, Intersubjetividade e Movimento Humano. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Florianópolis: Centro de Desportos/UFSC, 2005.
- BERTICELLI, Ireno Antonio. A origem normativa da prática educacional na linguagem. Ijuí: Unijuí, 2004.
- DARTIGUES, André. O que é a fenomenologia? 7. ed. São Paulo: Centauro, 2000.
- DEMO, Pedro. Pesquisa e construção de conhecimento. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1991.
- \_\_\_\_\_. Pesquisa e informação

- qualitativa: aportes metodológicos. Campinas: Papirus, 2001.
- FREIRE, João Batista. Educação de corpo inteiro. Rio de Janeiro: Scipione, 1989.
- FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. Medo e ousadia. 10. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 37. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. Palavra e verdade na filosofia antiga e na psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- HABERMAS, Jürgen. Conhecimento e interesse. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1973.
- \_\_\_\_\_. La lógica de las Ciencias Sociales. Madrid: Tecnos, 1988.
- \_\_\_\_\_. Consciência moral e agir comunicativo. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.
- HUSSERL, Edmund. Meditações cartesianas. São Paulo: Madras, 2001.
- KUNZ, Elenor. Transformação didático-pedagógica do esporte. Ijuí: Unijuí, 2001.
- \_\_\_\_\_. A didática da educação física. 2. ed. Ijuí: Unijuí, 2002.
- \_\_\_\_\_. Limitações no fazer ciência em educação física e esportes: CBCE, 20 anos auxiliando na superação. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, número especial, set. 1998.
- \_\_\_\_\_. O movimento humano como tema. Revista Eletrônica Kinein, Florianópolis, v. 1, n. 1, dez. 2000.
- \_\_\_\_\_. Educação física: ensino e mudanças. Ijuí: Unijuí, 1991.
- \_\_\_\_\_. Didática da educação física 3 - futebol. Ijuí: Unijuí, 2003.
- MARQUES, Mário Osório. Conhecimento e modernidade em reconstrução. Ijuí: Unijuí, 1993.
- \_\_\_\_\_. Filosofia e pedagogia na universidade. Ijuí: Unijuí, 1997.
- MATURANA, Humberto. Emoções e linguagem na educação e na política. Belo Horizonte: UFMG, 2002.
- MERLEAU-PONTY, M. Fenomenologia da percepção. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1999.
- \_\_\_\_\_. Signos. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- \_\_\_\_\_. A prosa do mundo. São Paulo: Cosac e Naify, 2002.
- \_\_\_\_\_. O olho e o espírito. São Paulo: Cosac e Naify, 2004.
- \_\_\_\_\_. O visível e o invisível. São Paulo: Perspectiva, 2000.
- MONDIN, B. Introdução à filosofia. São Paulo: Edições Paulistas, 1980.
- MOREIRA, Wagner. W. (Org.). Fenômeno esportivo no início de um novo milênio. Piracicaba: UNIMEP, 2000.

- \_\_\_\_\_. Educação física e esportes: perspectivas para o século XXI. Campinas: Papirus, 1993.
- \_\_\_\_\_. Corpo pressente. Campinas: Papirus, 1995.
- MÜLLER, Marcos José. Merleau-Ponty: acerca da expressão. Porto Alegre: Ediprus, 2001.
- \_\_\_\_\_. Privilégio e astúcia da fala segundo Merleau-Ponty. Revista Portuguesa de Filosofia, Braga: UCP, 2002.
- \_\_\_\_\_. Expressão fenomenológica e ontologia. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL PRINCIPIA, 2., 2002, Florianópolis, Anais.... Florianópolis: UFSC, 2002.
- \_\_\_\_\_. Típica ou criação: o problema da universalidade à luz da teoria Merleau-Pontiana da expressão. Florianópolis: editora UFSC, 2002.
- \_\_\_\_\_. O inconsciente fenomenológico segundo Maurice Merleau-Ponty. Pré-publicação. Florianópolis, 2004.
- ORLANDI, Luiz B. A voz do intervalo. São Paulo: Ática, 1980.

Recebido: dez/2005  
Aprovado: mar/2006